

Desiree ou uma breve história de desesperados

Eles desciam de mão dadas. Então aquela rua era para ele curta demais. Como se as árvores antigas de copas altas, folhas lustrosas e galhos robustos da cor de ossos suprimisse um espaço que pertencia apenas a ele. Apenas aos dois. Parecia assim estreita demais. E agora as batidas deste músculo horrível podiam ser sentidas através daqueles indicadores entrelaçados. Não havia viva alma neste seu mundo deserto e os insetos farreando numa moita qualquer não podiam ser ouvidos. Mas lá estavam. Porém nada importava a eles a não ser apenas sua cumplicidade solitária de amantes. Desciam por uma alameda sem nome sinalizada apenas por fracas lâmpadas que com suas luzes em cones, tornava ainda mais escura a noite. Ele levou o braço ao redor da cintura firme da moça. Era difícil caminhar assim e no entanto valia o esforço pois virando à direita visualizaram o grande portão de ferro batido onde certamente morava um dos dois. Neste momento aqueles dedos antes tão subjugados como que levemente escorregaram de suas mãos e o rapaz sentiu-se triste por dentro. Sabia que assim tinha que ser. Mas conteve aquele sentimento de despedida que levaria consigo sozinho pela noite adentro. Deveria voltar sozinho mais uma vez até que o amanhã finalmente chegasse. Esteve sem saber o porquê a ponto de chorar e lamentou isso:

" Se você fosse uma outra pessoa. Sabe?"

" Como assim?" A moça olhava-o nos olhos e havia reflexos de extrema felicidade em seu rosto.

" Se fosse uma criatura detestável ainda estaríamos na metade do caminho. Então saberia o quanto pode ser desprezível uma má companhia"

"Então sou uma boa companhia? Mas não disse uma palavra sequer meu Toni"- sorria levemente agora.

"Isso não quer dizer absolutamente nada minha querida. Sabe, uma vez levei uma surra de um garoto quando tinha doze anos. Então dois anos depois nos encontramos no caminho da escola e o garoto puxou conversa como se não lembrasse de nada. Caminhamos juntos então até a escola. Juro por Deus que aquele caminho nunca foi tão longo".

" É relativo ao seu estado de espírito meu bem" Beijou então o rapaz levemente nos lábios . Por fim segurou-lhe as mãos como para aquece-las.

" Gosto de te amar sempre assim Desiree meu bem...sabe eu vou...bom espero que dê tudo certo."

"Eu sei meu bem. Há um jeito para tudo. Confiaremos em nós mesmos. Farei tudo o que quiser que faça. Sim farei. Agora me dê um longo beijo aqui neste canto. Isso. Assim..."

Seus corpos uniram-se neste longo beijo. E o calor era sufocante abaixo de suas roupas." Então não poderiam voltar?".

"Não meu bem. Amanhã. Amanhã depois de tudo você será meu outra vez."

De repente acima de suas cabeças uma luz acendeu. Uma sombra minúscula aparece abrindo cortinas, movendo-se para os lados e fixa-se num ponto qualquer da entrada. Depois de um tempo recolhe novamente as cortinas e fecha-se de novo.

"Agora tenho que ir" disse a moça sussurrando e deixando os frágeis dedos que ele apertou com força. Então mandou um outro beijo na mão em concha." Porque estou tão amargurado meu Deus", pensava o rapaz no caminho de volta que era naquele momento longo. " Ela irá comigo até Deus-sabe-onde. Tenho medo é isso. É o medo que me deixa aflito. De qualquer forma há meio caminho dado se tenho ela comigo. O resto é por minha parte. Porém será essa a causa única desta agonia?". Poderia dizer que aquele sentimento estava dividido em três parte; Uma ao menos sofrível. A terrível angustia da despedida que comparada com o amor que sentia por Desiree não passava de infantilidade que o deixava ridículo. E sabia disso. Havia a ansiedade por seu futuro incerto que mesmo assim era encoberta por aquele tenaz amor companheiro de ambos. Era algo infalível. Ela estaria em breve ao seu lado. Os três. Não por uma hora apenas. Seria o tempo todo e ele podia sentir o orgulho de si mesmo agora que caminhava escuridão adentro. Mas ainda havia o medo que o paralisava, deixando sua impotência fluir para os outros, perante as difíceis decisões que tinha de tomar. Justamente neste instante que sua vida e de outros eram postas a prova. Sim, a razão estava lá. Indubitavelmente podia senti-la ao blasfemar contra Deus e a irrealidade de certas vidas serem um fardo de dificuldades que impediam as pessoas de bem de serem felizes. Considerava tudo isso. Então um ódio absurdo impelia-o para a coragem. Pensava que o dia seguinte seria o novo dia seguinte.

"Depois de tanto de tanto tempo. O que significava realmente esse nome? Desiree? Desiree poderia ser dito num sussurro noturno. Como naquela época ao lado do portão de ferro batido. No entanto, o nome continuava lá. Sem sentido algum até hoje".

Toni e Desiree largaram tudo. Alugaram uma casa no subúrbio de C. e lá levavam uma vida dentro da normalidade que o ambiente assimila. A criança dormia numa pequena cama ao lado e rosada como a mãe, era, nas noites de frio intenso aninhada entre os dois e o calor aquecia seus bracinhos e seus pequeno corpo infantil. De modo que aquela era suas vidas e não havia visitas de parentes. Nas estações amenas e alegres, quando saíam para passear em algum canto florido ou nos feriados festivos tudo era então entre eles. E não havia nada que os desanimassem nesta vida. Não havia insegurança porque não contavam com ninguém. E isso era tudo. Suas vidas eram suficientes então. "Parentes só servem para reparar " dizia por essa época Toni olhando carinhosamente Desiree. E era verdade. Por sua parte visualizava sua mãe ali olhando para o teto, os móveis simples, os lençóis de cama e por fim as paredes descascando. O seu rosto começaria então por cima, relancearia os olhos numa visão periférica e por fim pousariam em Toni e seus sapatos gastos. Seria certamente isso. E quando Desiree se afastasse com o pequeno nas ancas robustas para pegar algo, atiraria tudo aquilo na sua cara que nesse momento já revelaria vontade de expulsa-la dali." Então é isso que quer para sua vida Toni?" E assim a desgraça estava lançada.

Era por isso que o telefone bastava. Ele abdicara de mãe, pai, sogros e cunhados e tudo que pudesse ir numa mala só para o inferno. Nada disso o perturbava, pois sentia orgulho de sua vida e Desiree estava acima de

tudo isso. Podia ser tudo e todos. E quando abraçava seu corpo quente a tarde, depois terem acabado, sentia que havia ganhado sua felicidade por esse dia. O seu quinhão recebido arduamente com a glória do descanso. Amava-a. Por essa época conseguira trabalho numa fábrica. Já era algo. E apesar de ser duro, braçal e parecer o fim do mundo, manteve o ânimo à custo de certa regra religiosa que não admitia deixar a família ao Deus dará. Em relação ao salário, quando este por milagre sobrava depois de custeado o estômago, a casa e o espírito, atirava-se então a passear com a família nos finais de semana. Não era raro. E porquanto não fosse o melhor dos passeios, voltavam alegres e cheio de uma ternura recíproca. Mas o que fazer afinal. Não se poderia ter tudo. E também é claro aquela situação não duraria para sempre. Como seu parco salário que escorria pelos bolsos, tratava-se apenas de uma boa colocação. E o ensino superior lá estava emoldurado na sala. Como uma conquista desejada à muito. Era atravessado por um orgulho homérico, quando sentado naquela poltrona esfarrapada, seus olhos iam longe. Além daquelas letras escuras e afetadas pelo dourado nas bordas. Sua graduação? Isso seria o de menos. O futuro apresentava-se como um filme rápido, porém detalhado e suficiente palpável. Assim quando voltava a si ressentia de ser ainda o professor sem alunos daquela manhã. Nesses dias com o corpo dolorido observava aquela criança, ali no tapete surrado da sala. Era uma criança linda assim brincando. E então seus olhos eram alegres e rapidamente encobertos por uma certa fadiga de espírito. Olhava o pequeno Toninho com suas calças dobradas como um duende mineiro e sua camisa desbotada. Enquanto que a criança descalça com uns pezinhos de um rosa feminino brincava distraída com uns brinquedos velhos. Era maravilhoso perceber a forma como crescia essa bela criança. E como as poucas palavras que dizia eram então repetidas e acompanhadas de um sorriso sem dentes. "Um bom lugar para se estar numa tarde de sábado" Pensava Toni. Enquanto a criança chupava um doce que ele trouxera da cozinha, pôs-se a refletir atentamente através dela visualizando seu futuro ao sabor de uma melancolia desenfreada. Então desapareceu completamente além de seus olhos. " Meu Toninho, você meu filho vai ser um rapaz melhor que seu pai, não é? Sou novo ainda. Serei melhor que isto. Então o quanto você será melhor que eu? Tenho certeza que será suficiente para você meu filho. Você é tão bonito. Como sua mãe com aquele vestido azul. Ela não usa mais há muito tempo sabe? Vou te dizer meu filho amado que nem ao menos me escuta. Está tudo bem...Você vai ter uma bela casa, um carro, uma boa e linda mulher de vestido azul Toninho? Talvez..., Mas eu sei que tenho. O que simplesmente você possui agora? Apenas esse doce aí, não é? E é uma criatura muito feliz por isso. Então é isso que importa. Mas afinal que cor vai ter sua casa?..."

Neste instante houve um clarão e a luz forte atingiu-o. Seus olhos arderam e então voltou a si.

" Você tava dormindo Toni ?" Ela havia surgido do nada e era como uma aparição onírica de um sonho de amantes num paraíso qualquer.

" Não eu...só estava pensando".

"Credo. Você olhava o Toninho como uma cobra esperando aquele bote final. Estranho. Está tudo bem, querido?"

"Pronto. Agora não passo de um ser rastejante comedor de ratos. O que mais meu bom Deus." Pensou Toni e concluiu; " Estou bem apenas cansado, agora ganho um beijo?"

" E esse batom todo meu bem?" Ela deu-lhe um beijo que era mais um carimbo.

"Vai sair? Ah minha Desiree você é tão linda sabe. Eu...te amo. Te amo explodindo quando põe este vestido azul. Eu...você sabe!" Sentia como se algo queimasse na sua garganta. Como se tivesse sorvendo lágrimas.

" Eu sei meu bem. Hoje é o nosso dia lembra? Fiz seu prato favorito e deu até para comprar o vinho....É deixa para mais tarde. Sabe esse vinho barato dá um calor dos diabos na gente né!? Agora vai tomar um banho e fique lindo para mim..."

" Mas e se já sou?"

" Convencido... agora vai meu bem. Vou dar janta para o Toninho e ... Meu Deus Toni doce antes do jantar não!. Agora vem meu pequeno e você para o chuveiro" A criança aninhada em seu colo tinha o aspecto de um ser anjônico com bochechas sujas de doces.

Ela estava viva, alegre e espontânea. Então havia aquilo tudo. Estaria em poucos minutos em seus braços, quente e toda para si. Ficou excitado e não ressentiu isso. Pensou que ao menos deveria ter lembrado. Uma lembrança para o dia especial que esqueceu. Havia uma toalha simples, florida e duas velas apoiadas em garrafas de coca. Ela tinha posto alguns girassóis cabeçudos numa jarra de suco e estes pendiam suas cabeçonas sobre as hastes. De forma que ainda havia vida neles e não se podia pensar em outra coisa. Toni sentou-se ao seu lado de maneira gentil, num estado de espírito alegre e fogoso. Seus pés roçaram com e sem querer. Ele adorava aquele cheiro. A travessa. As gotas de vapor escorrendo da tampa. O fumegar da carne. Olhou-a e seus seios fartos apontavam para o tecido fino. Estava linda, aqueles cílios batendo, o batom, e aquele perfume era, então para ele, como recordações flutuando de um tempo... Agora isso não importava mais. Algo havia passado. Mas o garoto tímido ainda estava ali.

" Eu sinto muito de não ter lhe dado nada. Sabe eu... vou compensar. Não recebi ainda, por isso..."

" Você me deu tudo meu bem. Agora vamos fazer silêncio e agradecer. Vamos orar". Cruzou as mãos em preces e apoiou-as na testa alva e lisa. Era como uma figura sagrada, solene, humilde e agradecida. Toni achou tudo cerimonial demais. Era como ir na igreja pela primeira vez. Observava-a com os olhos num fio de imagem baça por entre as pálpebras semicerradas. Seu peito arfava abaixo do teto das mãos em prece. Ele sentiu o vazio da fome, o desespero da carne, depois resignado, foi sincero e desculpou-se por pensar certas coisas obscuras em tal momento. Toni sentiu-se perdoado. Amém.

"Você tira um grande pedaço de carne que acompanha um osso. Então com um garfo desfia lentamente soltando-a assim do osso impertinente .Ela é fibrosa e destaca -se molemente. Tem agora as batatas que amassa no prato. Arroz. Aí vem aquele molho consistente, aromático, picante até. Então tudo isso é um banquete para sua fome miserável. Sim. Assim mesmo. Agora o vinho. Sorva-o lentamente. Misturando o sabor da salsa e dos outros temperos com o seu aroma ácido. Role a língua. Faça-a passear pela boca. Estale-a.

Olhe então para ela, aqui ao seu lado. Pare e pense um pouco, mas não muito, sobre se Adão não se sentiu assim, quando aparentemente solitário, salvando-o da profunda modorra estéril, surgindo por entre árvores conhecidas, ainda sob o efeito da criação, despontava Eva. Sim. Aquela mesma que baixou a cabeça ao sofrimento do último ato. E assim descia o pano. Disse amém..."

" Você deve ter tido um trabalhão para fazer isso tudo. Com o Toninho e tudo mais. Eu estava longe e não podia fazer nada. Desculpe. Tudo está tão gostoso e perfeito. Adoro essa carne sabe! Logo eu vou lhe dar um presente também..."

" Não se preocupe meu bem... Eu... bom hoje faz quatro anos não é? Estamos bem e temos o Toninho e tudo isso aqui nesse momento. Somos felizes apesar..."

Apesar de que meu amor? Não há nenhum apesar. Não há ninguém. Existe apenas nós três, não é? Tudo correu. Os parentes. Seus conselhos idiotas e palpites ordinários. Tudo isso correu para o maldito ralo do passado. Entende? Então meu anjo absoluto, sem pesares. Está bem assim?"

"Sim eu sei. É que...Bom estou feliz por estarmos comemorando." Desiree sorria nervosa enquanto passava a língua rubra pelo vinho ordinário nos lábios. Havia algo ali. O decote mostrava uma pele imaculada pelo sol como a cera daquelas velas que escorriam. Em seus olhos havia uma luz pedinte de doçura que era realçada pelos vapores do vinho barato. Aquilo tudo lhe parecia novo e Toni sentiu o toque luxurioso numa crescente volúpia agora necessária. Não conteve um ataque.

" Hoje vai ser como a primeira vez. Você se lembra querida?"

" Sim. Minha mãe dizia que você era um sem vergonha..."

" Nós dois éramos meu bem. E ainda somos..." Encarou-a e parecia outra pessoa." É que você me enlouquece com esse vestido e tudo mais. É como um recheio de prazer insano sabe. Sou agora um carnívoro devorador de donzelas perdidas nos confins de algum bosque real." Toni agora pôs a uivar como se saísse de si mesmo.

" De onde você tirou isso Toni?" Corou e Toni gostou de vê-la esconder os olhos depois de tanto tempo.

" Sei lá. Senti isso agora. Você não gostou?"

" Gostei meu bem. Foi estranho essa história de donzelas. Mas eu gostei sim... é que gostaria que ficasse calmo. Que conversássemos sobre..." Desiree bebeu o que restava no copo com uns dedos trêmulos.

" Sobre? Algum problema minha donzela?" Toni sentia-se a todo vapor.

" Chega Toni !. Por favor me escute. Eu... estou grávida Toni. Fui ao médico e tudo mais." Agora começava a falar com ímpeto deixando as palavras saírem de vez. " Eu estou muito feliz por isso, sabe Toni, por que desejo muito uma menininha. Ela irá cuidar de mim. Vão fazer um casalzinho tão lindo. Não acha? Tão lindo. Estou muito contente mesmo!"

Toni olhava-a sorvendo o vinho lentamente através dela. A dívida. Teria de retribuir-lhe algo parecido com contentamento? Essa felicidade ele à presenteava com um sorriso escancarado, aberto no peito que sem dúvida guardava algo mais. Teria o interesse sexual alguma relação com essa situação nova? Não sabia. Havia apenas de dar-lhe algo esta noite em retribuição aquela notícia.

" Ufa... é uma notícia e tanto. A gente nunca espera uma... bom, quero dizer que fico muito feliz também. Caramba se você se sente bem! Por que eu não? Eu te amo e você sempre me surpreende" Era como uma corrente elétrica fortíssima percorrendo seu corpo e no fim deixando-o a mercê de uma fraqueza débil. Incontrolável. Tinha de terminar aquilo. " Ah, Desiree eu te amo cada vez mais. Explodindo. Tudo no final das contas vai dar certo. Ora, não será esse nosso eterno lema? Agora meu bem posso tomar mais um copo de vinho? Afinal não é todo dia que..."

Fizeram amor ardorosamente. Sem escândalos. Apenas aqueles suspiros sufocados que preenchem as noites, os quartos e as gargantas. Mas havia qualquer coisa que não queria sair. Intimamente. E Toni era dois Tonis. O carnívoro insaciável havia descoberto a solidão. E as donzelas de vestido azul, braços nus e seios perdidos sobre a seda? E o hálito sanguíneo? O que foi feito disto tudo? O animal no homem estava amortecido, decaiu-se lentamente ainda úmido e então sentiu-se o mais solitário dos seres. Toni pôs seu roupão por baixo das cobertas enquanto Desiree dormia já um solo tranquilo. Arfava e ele podia sentir seu corpo nu enquanto acariciava-a. Porém não enlaçou-a com seus braços fortes como para retê-la ao máximo. Não adormeceu com seu cheiro doce, perfumado com o suor de sexo que o agradava tanto como o cheiro do cio animal. Nem respiraria recostado à sua nuca frágil. E porquanto não soubesse o porquê, admitia no íntimo, mais uma vez o medo secreto. Medo de sentir nas mãos aquele ser mergulhado no seu pequeno mundo intocável. Como se houvesse profanado qualquer coisa sagrada. Elevada além do homem. Enfim, como se tivesse perturbado o sono tranquilo de alguém muito querido. Mais uma vez aquele sentimento enraizado o incomodava, impondo suas regras para impedi-lo de viver.

" Aquele homem é horrível. Me olha com uma cara que dá nojo, sabe Toni. Ele esteve aqui hoje pela manhã." Desiree estava nos nervos. Sentia-se ultrajada. Mas tentou não passar essa impressão ao marido que acabava de chegar.

" O que esse merda queria afinal?" Algo formigava no seu espírito e não era bom sentir aquilo.

" O aluguel. Ele disse que venceu hoje. Você se lembra?"

" É claro que lembro. Não preciso que idiota algum nesse mundo me lembre disso. Não é sobre você meu bem... É... bom o hoje não acabou ainda. Não recebi hoje. Não receberei amanhã e muito menos depois. Portanto que espere até segunda-feira. Você não acha meu bem que essa criatura quer demais? Aparecendo aqui, assim, cobrando agente em cima da hora. Nunca atrasamos nada. Além disso e a pintura desse curral? Heim? Você deveria ter dito isso a ele. Já faz um tempo dos diabos que esse merda prometeu pintar isso aqui. Você bem sabe, agora aparece aqui e..." Toni estava cansado e não havia nada melhor do que descarregar tudo aquilo de uma vez.

" Eu sei querido. Mas fique calmo, está bem? Vai tome um banho e depois de comer você vai lá e fala com ele... Olha, sabia que estão nascendo os dentes da Selminha? São tão pequenos e leitosos. E esta de um jeito que não se aguenta. Hoje mesmo pela manhã mordeu meu peito e senti vontade de dar um tapa..."

" Sei..."

O trabalho continuava o mesmo. E o parco salário já não dava para custear as despesas que insistiam em chegar. Neste tempo Toni tornara de uma antipatia para com todos. Podia-se então vê-lo pela casa, cabisbaixo com as mãos nos bolsos, andando inquieto pela sala. Então por essa época quando Selminha adoecera e Toni não tinha o dinheiro dos tais remédios, não encontrou outro jeito senão recorrer ao repulsivo senhorio. Sim aquele homem ridículo que nunca saía de casa ou trocava de roupas. Este emprestou-lhe a juro indisputáveis, sentindo-se depois de tudo como um fariseu que dobrasse Cristo. Era por isso que Toni dizia aquilo tudo. Além disso observara mais de uma vez seus olhares maliciosos para Desiree. Uns olhares sádicos até. Era uma farsa ridícula. Eles sabiam. E Toni mais ainda, sentia aquele desejo de puxar a faca. O pior era que tudo isso acontecia como se Toni não estivesse em sua presença. Talvez o homem farejasse o medo em Toni. Talvez Toni denotasse fraqueza. Situação das mais terrível para ele. Sentia mais uma vez aquele formigamento nas têmporas. Por esse tempo dizia;

" Algum problema?" E encarava-o com olhos inflamados, prontos para a tragédia.

" A sua esposa me lembra alguém. Bom é isso... deixa para lá..." E Toni saía batendo a porta. Assim quando havia necessidade de falar com o tal homem, Toni se preparava afunilando uma cólera cega. E foi neste estado de razão, pois seu espírito era fraco, que foi falar com o homem.

"Boa noite " Toni observava-o de cima a baixo sem que este percebesse.

" Noite " disse o homem enfiando as mãos nos bolsos do roupão desgastado.

Toni observou um volume entre suas pernas. Conhecia esse tipo de gente. Encarou-o cerrando os dentes. Forçando o maxilar até doer.

" Segunda pagarei o aluguel. Não recebi nada hoje" Já ia saindo quando o homem interveio na voz áspera;

"Não está esquecendo o empréstimo, não é? Segunda parcela e por aí vai. Quando precisou eu estava aqui, não é? Ajudei você e sua família. Não vai dar uma de ingrato agora?"

Neste momento Toni explodia recuando lentamente o corpo.

"Vá para o diabo seu safado. Controle essa boca. Não esqueci de nada e vou cumprir o combinado. O tratante aqui me parece outro. E a pintura daquela casa hein?" Ouve um silêncio e Toni pode sentir suas mãos naquele pescoço. Neste momento o homem tirou os óculos, limpou-os na aba do roupão fechando uns olhinhos suínos para melhor focalizar Toni. Disse pondo-os novamente;

"Olhe rapaz não prometi nada. Não farei nada enquanto não pagar. Disse à sua esposa. Compreendeu tudo muito bem. Parece que ela é razoável, não é?"

" Como é?" Toni lentamente pôs um pé a frente fechando os punhos maciços. Mesmo que covarde ainda, porém cego por uma fúria corajosa, rápida por pensar em Desiree.

"Olhe não pintarei casa alguma até..." Tirou os óculos novamente como para receber algo em cheio. Toni acalmou- se lentamente. Não havia outro jeito e com uma voz arrastada e até educada propôs;

" Olha talvez possamos resolver isso da seguinte forma. Farei o serviço de pintura das paredes. Então descontamos o valor do aluguel. Ficará até mais barato, sabe. Será bom para os dois. E preciso pintar realmente aquelas paredes, as crianças comem aquela casca de tinta e a sujeira que cai. Então, o que vai ser?" Sua submissão beirava o desespero. O que Desiree não acharia daquilo tudo? Do outro lado o homem parecia incrédulo. Enquanto balançava a cabeça disse;

" Não me venha com essa. Não vou permitir isso. Vocês jovens acham realmente que podem chegar na casa dos outros e mudar isso e aquilo? Não passam de inocentes sem leis. Todo um bando de estúpidos sem responsabilidade alguma. Agora saía. Está dito e não me venha com essa. O dinheiro seria para hoje. Agora. Mas a paciência é uma das minhas poucas virtudes e esperarei até segunda. É o melhor que posso fazer por você. Agora mais alguma coisa?"

"Velho filho da puta bastardo" Toni sussurrou isso enquanto virava-se para descer a escada. Pode ouvir a porta sendo fechada por dentro. Desceu e relaxou os músculos. Tremia enquanto fumava.

Havia, descendo uma pequena colina, escondido atrás de vastos ipês antigos e encimado por um arco de concreto inútil, um antigo bar miserável. Era então repulsivo seu descaso pela nova geração de bebedores, de forma que os clientes antigos dedilhavam na porta ou janela lá pela alta madrugada para reclamar de suas vidas insípidas de casados. O desesperado matrimônio era ali dissecado pelos amigos comuns de longa data que se reconheciam, com olhos turvos de cerveja barata ou até reminiscência alegres. Toni abriu a porta e sentiu aquele bafo de suor, cerveja e fumo na cara. A segunda-feira havia passado e estava melancólico pois o salário batia-lhe no bolso com seu ridículo valor. Olhou em volta e não reconheceu ninguém. Graça a Deus pois nesse momento adorava o seu próprio silêncio. Sendo assim pediu uma cerveja e pensou na sua vida até agora." O que é essa grandeza de vida. O que perdi até agora meu Deus? Você veio então até mim e ainda não posso lhe dar nada. Sim, e a única coisa que faço é ficar aqui sussurrando com esse meu cérebro idiota. Vale mais ir até você por que aqui não há resposta alguma. Olá mundo preciso de uma chance qualquer." O devaneio passou tão rápido que o gosto da bebida era rançoso em sua boca. A fumaça tornava o ar espesso, irrespirável. Pagou e saiu deixando a porta aberta para um homem que como ele arrastava os pés, taciturno.

" Eiiii..." Foi apenas o que ouviu. Depois o corpo que era sacudido e então houve alguma dor. Alguém remexia nos seus bolsos e por um segundo talvez esse silêncio de morte certa. Emblemática. Profundo no espaço de tempo irremediável. Lá dentro Desiree. E de repente aquele som de motor, seu cheiro de gasolina queimando no ar de uma noite que não podia ser vista. Sentiu o impacto no rosto como se tivessem atirado ácido. Desejou morrer conseguindo apenas o desmaio agradável.

Ela havia cuidado dos seus ferimentos. E quando o trouxeram madrugada adentro dizia frases confusas e seu rosto inchado, ainda escorria sangue. O nariz fora quebrado, disseram. Mas não era verdade. Havia sim, fortes escoriações aqui e ali e Desiree cuidava disso tudo enquanto soluçava. As vezes não suportava, indo numa espécie de pressa de banheiro, à cozinha para uns lamentos terríveis de gatos na noite. Voltava então com o rosto lavado e fresco. Naquela manhã não foi trabalhar e Desiree telefonou explicando cada pormenor do que havia acontecido. Era justo depois de tanto tempo e Toni passou então o dia na cama enquanto a mulher cuidava de tudo. E, coisa estranha, sentiu-se mais amado ainda com todo aquele calor de afagos que lhe era dispensado. Enfim todo aquele cuidado infundia em si mesmo uma espécie de autodesprezo que era ao mesmo tempo terrível e maternal. Não aceitava o sofrimento alheio por sua causa. Gostaria de dormir por muito tempo ou ficar acordado e estar contente com tudo à sua volta. No entanto não se pode ter tudo. Neste instante, resignado, recolheu-se para o canto da cama e começou a falar com esforço. No entanto a voz saiu clara como um lamento de criança grande. Desiree encontrava-se do outro lado. Ele sabia disso. A dor era um repuxo nos músculos do rosto;

" Levaram o dinheiro Desiree...Levaram todo o dinheiro Desiree, meu bem. Todo o dinheiro do mês. Tudo.... Temos que pagar aquele filho da puta Desiree. Ou ele vai nos mandar embora daqui. Você vai ver... Eu não queria...eu... aí minha cabeça parece..."

" Calma querido. Eu falarei com ele. Vai compreender. Você foi assaltado e tudo mais. Ele poderá ver por conta própria sua situação. Se acalme. Não faça esforço e tome isso."

Tomou os remédios que não sabia para quê e admirou a calma inocente da mulher. Isso o fez sentir pior ainda.

" Obrigado. Vou dar um jeito depois que melhorar dessa merda. Só que era o dinheiro do mês todo e não tenho de onde tirar mais nada. De ninguém, entende?. As crianças, Desiree, elas precisam do dinheiro. As contas devem ser pagas Desiree meu bem... eu preciso do dinheiro e você também meu anjo amado. Ah Desiree não sei o que pensar. Não consigo me acalmar".

"Toni pelo amor de Deus eu falarei com o maldito homem. Não se preocupe tanto. Ele vai entender afinal, agora acalme-se querido, por favor". A boa mulher tinha uma mão no peito e a outra na testa de Toni como para sentir sua temperatura e acalma-lo. Algumas lágrimas rolavam indo morrer nos seus lábios de uma palidez de morte. Neste instante Toni sentia-se sonolento. Era algo agradável aquele amortecimento do corpo. Assim no frescor da tarde. Fechou os olhos, ouvindo apenas os sussurros, vagamente, longe, do outro lado do mundo se distanciando mais e mais, perdendo-se como uma pedra atirada num lago calmo e imóvel. Ele queria dizer alguma coisa, mas as palavras morriam, fechadas antes mesmo da reação do cérebro. Ou saíam e eram ouvidas por alguém que se importava? " Não vai falar com aquele filho da puta tarado, Desiree. Por favor não vai até lá Desiree meu bem. Ele teve uma ereção. Eu vi. Pude ver sua cara nojenta. Ele... não vai Desiree meu bem. Ele tem um cacete esperando por baixo daquela sujeira toda. Não ponha seus sagrados pés naquele antro miserável por que se não eu morrerei..." E Toni adormeceu.

As sete horas quando a noite acendia as lâmpadas da rua, alguém bateu na porta. As pancadas eram duras e intermináveis. Desiree veio pelo corredor e abriu. Era o proprietário. Trajava o velho roupão negro surrado que tinha a cor do pelo de ratos nas bordas acinzentadas. Nos pés uns chinelos baratos com orelhas para fora davam a impressão de animais no qual havia pisado propositalmente. Eram coelhos e o homem um abutre descorado na noite com suas duas presas que já foram brancas um dia. Quando seus olhos recaíram sobre Desiree, adoçaram de uma ternura imaculada e gentil através das lentes amareladas pelo uso. Seu olhar tornou-se languido visto assim de lado. Passando para uma timidez mal disfarçada nos movimentos incertos. A mulher não percebia isso no grande retângulo de luz que vinha de dentro, caindo como um banho na figura estupidificada no lado de fora:

"Ah é a Senhora. Boa noite. É a respeito do aluguel e aquela outra coisa sabe. Seu marido me disse que seria ontem. Bom... a Senhora entende..."

"Ele dorme agora." Puxou a porta atrás de si deixando apenas uma faixa de luz que atravessava o rosto da criatura como uma lâmina quente. Este observava-a com um único olho iluminado. Prosseguiu;" Meu marido foi assaltado ontem. Gostaria que o Senhor compreendesse nossa situação. Não é que não vamos pagar, vamos dar um jeito. Apenas precisamos de um pequeno prazo, sabe? Ele se recupera e logo estará bom outra vez. E aí o Senhor vai receber seu dinheiro todo." Desiree não conseguia olhar muito tempo para aquele olho luminoso, ali parado. Era como se fixasse o halo de uma lanterna na escuridão.

Então a voz saiu docemente em algum lugar abaixo do olho. "Senhora, não posso dar mais tempo. Sei que é difícil essa situação toda, confesso que posso imaginar, mas preciso do dinheiro tanto quanto vocês. Sabe eu vivo disto aqui Senhora..." Falava com brandura como com uma criança. "Infelizmente, mesmo contra minha vontade, terei de pedir a casa nesta semana. Sem mais tardar...ou. Bem isto seria último caso. Ou recorrer à justiça. O empréstimo, o contrato de aluguel, está tudo lá. Você leu?"

Tentava ser mais íntimo tratando-a por "você". Era amigável como um tímido adolescente pronto a tudo para vencer aquele nervosismo concupiscente.

"Sim, eu li. Mas não se trata disso. Por favor reconsidere um momento este contrato. O Senhor não compreende que ele poderá pagar logo que fique bom? Gostaria que o Senhor esquecesse um pouco as formalidades de um contrato e entendesse. Deus do céu, temos crianças, compreenda. Nunca faltamos com o Senhor. Foi apenas esse terrível contratempo. Vamos resolver isso, pode ter certeza... Sabe, as vezes eu acho que o Senhor, aqui agora neste exato momento, sabe o Senhor não tem coração...e ..."

"Sei eu entendo. Você pode acreditar, mas... o dinheiro não tem consciência nenhuma e eu vivo assim. É que vocês são novos ainda, mas um dia irão descobrir que a vida é assim mesmo. Não posso fazer nada... E no entanto eu fiquei pensando..." Houve um silêncio inquietante. Neste momento seus olhos se encontraram. Três olhos numa noite que procurava um desenlace cruel. Desiree teve que falar para olhar em outra direção;

"É a vida e o Senhor estava pensando...?"

O homem tirou os óculos novamente e enquanto limpava cuidadosamente as lentes ia dizendo naquela voz melada, arrastada como qualquer coisa galante demais agora. Disposto a quase tudo para sentir sua vitória sobre caça ainda não arrebatada.

" Estava pensando, você não gostaria de subir para conversarmos sobre isso tudo com mais calma. Talvez um acordo. Bom, a decisão está nas suas mãos, compreende? Eu lavo as minhas!" Falava num sussurro demoníaco pois havia desaparecido a timidez. " Uma parte insignificante de sua vida está em jogo aqui. É difícil, eu sei, mas passará logo. Não sei o que você passou, mas não é duro adivinhar. Assim olho para você e vejo uma jovem que tem uma vida de pesares, miserável até. Disposta a salvar suas crias todas das incertezas da vida e talvez um casamento sem sal. Então por fim é isso, um tempo para conversarmos. A sós. Em particular, nada demais. Amanhã tudo será esquecido, verá. Os pratos serão limpos e postos de lado. Tudo vai ser perdoado em favor de uma causa maior".

" O Senhor não passa de um velho sujo. Não sei o que estou fazendo aqui perdendo tempo com um velho porco sujo com você... Saía de minha porta, saía, saía, saía...."

" Sua porta? Essa maldita casa é minha..."

Neste momento quando Desiree ia fechando a porta num estrondo o homem colocou um pé no batente, impedindo-a de fechar.

"Mas parece que fez sua escolha, Senhora, e verá seus resultados então. Amanhã logo cedo terá em sua porta os carregadores. E dê se por feliz por não cobrar isso também. Carregarão seus trastes todos num instante e estarão fora daqui a Senhora, seu marido frouxo e sua prole inocente. Certamente se sentirá bem melhor com duas criaturinhas de colo, procurando um buraco para se esconder. Não pedi nada que fosse por fim impossível. O fato é que me devem e alguém tem de pagar. Não sairei perdendo nesta história ridícula de desesperados. Então até amanhã e boa noite."

Ela bateu a porta e caiu de joelhos no chão. Nem ao menos tinha força para chorar. Seus olhos transpassavam o azulejo encardido.

" O que foi? Tem alguém aí Desiree ?" Toni deu um solavanco na cama, sacudindo-a toda num ranger de susto em sonho.

" Não é ninguém querido. Está tudo bem agora. Como se sente?" Ela havia lavado o rosto e recusava a tristeza.

" Minha cabeça dói muito Desiree meu bem. Por favor me dê um daqueles remédios. Eu... preciso ficar bom logo... Amanhã..."

" Eu sei. Eu sei...agora tome um pouco de água." Suas mãos tremiam enquanto segurava o copo.

" O que tem aqui meu anjo abençoado. Meu corpo relaxa e não sinto nada após um tempo. Absolutamente nada. É o sono profundo apenas e eu tive um sonho. Era um parque. Não um parque qualquer, mas aquele que fomos quando nos mudamos para cá. Era lindo e o Toninho rasgou o fundo das calças no escorregador.

Ele não chorou nem nada, apenas ficou lá como um pateta com as calças furadas. Então você, meu bem, amarrou sua blusa na cintura dele, de forma que parecia uma menina. Aquele dia foi muito bom mesmo..." Era uma voz arrastada que durou bons minutos de lamentos e foi morrendo aos poucos.

" É só relaxante muscular Toni. Eu também me lembro deste dia. Foi maravilhoso." Mentia. Esse dia nunca aconteceu. Ela acariciava sua testa que suava. Talvez estivesse com febre.

" Desiree você se lembra do nosso lema não é? Tudo vai dar certo no...."

O sono mais uma vez abrasador. Toni mergulhava mais uma vez para dentro de si. Além do rosto inchado. Além de seu cérebro com todos aqueles filamentos nervosos, sensíveis. Abaixo da cama, lençóis, espumas e molas. Tudo. Até os confins do mundo. Acima dele o globo selvagem. Então descia até as profundezas de uma terra dura, maciça, chegando a confusão do calor eterno. Sempre em movimento. Amolecimento e calor infernal. Tudo estava encerrado no fogo e não havia para onde fugir. Era insuportável tanto além da grandiosa esfera do mundo como para baixo, nas profundezas da terra que vivia a incessante cópula do magma furioso. O fogo limitava o sonho.

Desiree levemente fechou a porta. Toni estava dentro de sua cabeça o tempo todo. Estava meio virado de lado com aqueles curativos todos e o lábio inchado. Passou pelo quarto dos filhos e beijou cada um demoradamente, afagou-os, e saiu com firmeza nos passos. Alguma coisa acompanhava-a por todo lugar que julgava seguro. Agora sentada no velho sofá, olhava o tapete sujo, a televisão desligada com seu reflexo na tela de um negro esverdeado, e aquele diploma pendurado. Aquele maldito diploma que não dizia absolutamente nada. Imaginou Toni ensinando seus alunos numa sala qualquer. Altivo e belo com o cabelo penteado rente a testa larga, e aqueles óculos comuns a todos professores. Ela via-o, ali à sua frente. Seria outra situação. Haveria então perspectivas grandiosas empurrando para um futuro onde muitas coisas poderiam, e seriam esquecidas; aquelas misérias, as decisões erradas que tomaram, tudo seria até lembrado com um leve sorriso desdenhoso de escárnio por um passado qualquer. Como um parente longínquo que se fora. E daí para frente não tocariam mais no assunto. Seriam aquele casal novo, cheio de juventude, com filhos saudáveis e belos para sempre. Esse tipo de eternidade feliz seria apenas possível se...

Levantou-se, e resoluta foi até o banheiro. Mas não conseguiu olhar-se no espelho enquanto se maquiava. Sentia-se metódica. Não vestiu nada por que sabia que aquele maldito corpo, agora já não era seu. Não o possuía. Era como uma peça qualquer, de roupa vulgar e corriqueira que se usa e logo atira-se longe com o fedor e a sujeira da rua. Era apenas uma hóspede. Fechou a porta da sala e de degrau em degrau subiu vagorosamente. Sua alma respirava firme num corpo inerte, mas preciso em direção a uma profunda vontade necessária e infalível. Bateu. Uma. Duas. Três vezes com os nós dos dedos que não eram os seus. A porta abriu. O roupão estava aberto e o peito mostrava pelos encaracolados. Os braços desciam para morrer nos bolsos. O que havia ali era apenas os óculos e um monte de carne ordinária, pensava ela. Não poderia, nem se assim quisesse, ver alguma coisa além disso. Por isso entrou e sentou-se no sofá com as mãos sobre o

colo. O silêncio não a perturbava por que o espírito era surdo e ela se encontrava logo abaixo com as crianças que dormiam seu sono aprazível.

"Você quer um chá?" O homem sentou-se no outro sofá à sua frente e havia um sorriso que poderia ser prestativo e até vulgar em seu rosto. Uma leve máscara de caçador que abate, num ápice, uma peça que sabe ser a melhor. Colocou uma almofada sobre os joelhos e continuou calmamente;

" Então. Em que posso ser útil? Ah então você pensou melhor não foi? As mulheres sempre pensam melhor que os homens. Nós somos fracos. Não assumimos nada. O problema seria talvez o tempo gasto nisto tudo. Vocês demoram demais. Haveria menos complicação se houvesse em vocês todas, aquele extraordinário senso de rapidez em tomar decisões. Bem, você me parece uma boa pessoa e eu nem sequer sei seu nome. Afinal... vamos lá. Eu imagino querida, o quanto tenha pensado nisso. Mas não vale a pena. É apenas a vida no seu desenrolar... Possui em si esses desencantos. E temos, todos nós, um dia por próprio interesse comum, para salvar qualquer coisa que nos é cara, de dispor de algo, que talvez neste momento imaginamos valioso, inestimável, honroso ou seja lá o nome que se dê a isso. Você têm de encarar a coisa. De forma a vencê-la de uma vez entende ?... O que pensa sobre...?"

" Não penso nada seu porco..." Desiree levantou-se num estrondo violento e soltou a alça do vestido por sobre o ombro branco como cera. Despojou-se de si mesma. Estava como uma criança nua pronta à apanhar. Caiu no sofá e lá ficou com as mão cobrindo seu sexo escuro. Tremia sem fazer frio algum. Seus olhos apenas fixavam o chão além das profundezas. Esperando por algo que se aproximava...lentamente.

" Por favor não olhe para mim...por favor...por favor...por favor..." Disse Desiree enquanto vestia-se. O homem ainda estava nu à sua frente e não podia levantar o rosto um pouco mais acima. Não podia olha-lo no rosto, por que isso já estava dentro de sua mente desde pusera os pés ali. Era como se sua presença tornasse seu corpo fraco. Numa espécie de macula nodosa num pântano de desespero. Mantinha ainda os olhos no chão quando este arrastando o roupão pelo corpo disse;

"Então está certo. Tudo certo. Apesar de afinal não ter sido aquilo tudo... que imaginava, mas está tudo bem. Olhe, tudo acabou. Foi ressarcido e não se fala mais nisso. Você pagou a vista, minha querida. Não foi tão ruim assim. Apenas um pouco fria, mas nada de tão preocupante. Mas não se pode ter tudo, não é? Agora por favor vai embora e não faça disso o fim do mundo."

Desiree ia saindo quando uma voz atingiu em cheiro seu crânio. Sentiu que aquilo talvez fosse recomençar tudo novamente e sua face começou a tremer em espasmos leves. O lado direito não reagia a nada, enquanto lá estava a voz, incessante e arrasadora nas suas tēmporas.

"Não. Espere um pouco. Já ia me esquecendo do principal. Ali naquela gaveta, embaixo. Sim...sim, uma pequena lembrança que lhe fará esquecer tudo isso. Vai gostar muito mesmo."

Ela caminhou até a cômoda com os olhos no chão. Abriu uma gaveta e por um instante manteve-se imóvel. Petrificada pela visão que o objeto afigurava na mente. Havia uma voz horrível, distante, como um sino que toca à meia-noite, dizendo lamentos;

" Você se lembra disto, não é? Seu marido perdeu. Pode pensar tudo que quiser minha querida, mas o homem perdeu. Achei, como qualquer um acharia um objeto. Às vezes sabe, até posso ser religioso, de forma que aí está o sustento de sua família. Um homem trabalhador não deve perder assim seu salário de todo um mês de trabalho árduo. Seria tudo inútil, não acha? Faça o favor de devolver-lhe da melhor forma que conseguir, isso ficará bem e você é sensata. Pode conferir, está tudo aí. Não toquei em nada pelo simples fato de que, nesta vida desonesta não se recebe uma dívida duas vezes. Que assim seja, agora por favor pode ir e tenha uma boa noite."

O homem não expressava nada de humano enquanto acompanhava Desiree até a porta. Ela apenas pode ouvir o som da tranca por dentro.

Deixou tudo aquilo correr com a água. O ralo era o fim. Tudo escorria para terminar ali. Pode então sentir suas unhas arranhando seu corpo, esfregando com força desesperada até criar na carne aquelas lesões que a fazia, pela dor, sentir-se uma miserável. Teria que sangrar para purificar-se, "não há redenção sem derramamento de sangue". Onde lera isso? Onde? E se chorasse? Mas não conseguia verter uma lágrima sequer, posto que havia o ódio por tudo que era duro de conter dentro de si." Vou mata-lo...matarei todos vocês ao mesmo tempo..." Aquilo era íntimo demais. Seria o fim se escrevesse uma carta e fugisse para o mundo hostil, caindo aos pedaços, e nunca refeito? Não. Abandonar é fácil. E a morte? Nunca sequer havia pensado nessa possibilidade como uma solução real. Havia, sim, muita coisa no jogo sujo desta vida degradada por eles próprios, e a pior era imaginar o fim de um mundo sem perspectivas para o ego. Não havia nada. A realidade estava entranhada demais para fazê-la morrer simplesmente. Apenas isso. Neste momento enquanto olhava seu reflexo na tela da televisão não conteve um leve sorriso enigmático de esfinge. Como se houvesse compreendido uma faceta imprópria para o homem comum. Não podia ver seu rosto. Como estaria agora? Apenas o espectro noturno de sua silhueta a fazia voltar à realidade suspensa. Essa mesma que encerrou suas forças, diminuindo sua vitalidade, reduzindo tudo à sua volta até recair num sono profundo. Adormeceu e sonhou. Então seu sonho era uma trama complexa. Não havia de ser de outra maneira. Era seu pai e sua mãe havia morrido, então ele havia de cuidar de tudo, inclusive dela. Mas de repente aquilo tudo tornou-se estranho e incompreensível para ela. Assim, aquele pai tornou-se o homem de há pouco, como numa junção de corpos e atos desiguais. Por que o pai só era reconhecido através da grande boca cheia de vapores de álcool? E o resto?

Ela sobressaltou-se do sofá e seus olhos doíam. Alguém a chamava de muito, muito longe.

" Dormiu aí querida? Está tudo bem? Acordei bem melhor hoje, já não sinto aquelas malditas dores de cabeça, sabe ? Como inventou de dormir aí?"

" A televisão, assistindo...dormindo...sonhando e sonhando" Ela não se virou para ele. Talvez houvesse um sinal qualquer, desprezível ou um dedo apontando, pensou. Sentia uma profunda angustia e então assim de repente, desabou num choro lancinante de desespero como há tempos não fazia. Se é que alguma vez soubesse que seria desespero. Mas afinal conseguiu algo voluntario que desprende por si só, natural e livre, para longe de seu corpo manchado.

" Ah, meu anjo eterno, o que foi? Que aconteceu? Meu bem a televisão está desligada. Talvez tenha sonhado um daqueles pesadelos de antigamente. Vai ficar tudo bem..." Ele chegou-se a sua frente. Havia tirado aqueles curativos todos. Desiree olhou-o, sufocando os soluços nas palmas da mão. Então numa pequena brecha por entre os dedos pode ver seus lábios que começavam a desinchar, na cor usual da carne grossa dos lábios de homem. Seus olhos eram sorridentes, joviais até, por entre aquele espaço de luz na mão. De longe, que havia alegria de vida ali e uma disposição tão maravilhosa, que sua própria figura adquiria uma luz de manhã, parecida com estas belezas equinas de outros tempos. Pareceu a Desiree injusto como um desprezo voluntário da parte daquele homem que amava. Virou o rosto ao beijo.

" Vou preparar um café para você meu bem...Vai ficar melhor. E sentirá que nada aconteceu comigo nem com ninguém..."

Ela não respondeu. Olhou o visor da televisão e ela não estava lá. Havia apenas a bagunça no sofá. O espectro sumira e não sentia absolutamente nada. Nem a luz do novo dia que penetrava através da cortina suja. Então pela primeira vez na vida, nesta mocidade tranquila, porém fantasiosa, soube o que era o desejo de morrer.

